

Populações Afro-Descendentes e Cidadania: Ações Interdisciplinares

Área Temática de Cultura

Resumo

Nos últimos anos a área da escravidão conheceu uma revisão das abordagens e grande aumento de produção. Desde 1980, surgiram trabalhos considerando a historicidade dos escravos, opondo-se à afirmação de sua "coisificação". Apesar destas mudanças na academia, predomina, no senso comum e nos livros didáticos, a vertente da escola sociológica paulista. Esta distância entre o saber acadêmico e concepções da sociedade, demonstra a necessidade do desenvolvimento de projetos de extensão que possam minimizá-la. Nossa proposta é a construção de um espaço de diálogo e trocas, envolvendo professores e alunos da UFSJ e dois grupos comunitários de São João del-Rei, o Grupo Raízes da Terra e o Quilombo de São Benedito. O trabalho se desenvolve através de oficinas - percussão, fotografia, contação de histórias e memória e história - com crianças, adolescentes e jovens, onde são trabalhados temas como valorização da cultura afro-brasileira, processos de constituição de identidades e auto-estima. Os resultados mais significativos se referem à participação nas atividades. Nosso trabalho procura favorecer a discussão das questões raciais no meio acadêmico e nos grupos afro-descendentes de São João del-Rei. Entendemos que o processo educacional não se restringe à escola e o trabalho com comunidades constitui-se em importante instrumento para construção e reconstrução de valores sociais.

Autores

Profª Drª Maria Teresa Pereira Cardoso

Profª Drª Silvia Maria Jardim Brügger

Prof. Dr. Marcos Vieira Silva, do Núcleo Malungo de Ensino, Pesquisa e Extensão

Cidilene Elisabete Silva, aluna do Curso de História

Welber Luiz dos Santos, aluno do Curso de História.

Instituição

Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ

Palavras-chave: escravidão; afro-descendência; cidadania

Introdução e objetivo

Nos últimos anos, talvez poucas áreas do conhecimento histórico, no Brasil, tenham conhecido uma revisão das abordagens e um aumento da produção tão grande e significativo como a escravidão. Até a década de 1980, reinava soberanamente uma visão sobre o nosso passado escravista construída a partir dos trabalhos vinculados à chamada escola sociológica paulista. Segundo as análises deste grupo, a escravidão teria conduzido o escravo a uma situação de anomia social, retirando-lhe os traços de humanidade e reforçando a sua identidade enquanto coisa.

Neste sentido, suas relações sexuais seriam marcadas pela promiscuidade e pela instabilidade e as manifestações culturais e de solidariedades cotidianas seriam um mero reflexo da concessão paternalista dos senhores. A partir da década de 1980, passaram a se desenvolver trabalhos historiográficos, tendo como princípio norteador o fato de que os escravos eram sujeitos históricos, opondo-se, assim, a afirmação de sua "coisificação".

Dentro desta nova perspectiva historiográfica, as manifestações culturais de matriz africana adquiriram novos significados. Multiplicam-se, por exemplo, as pesquisas sobre religiosidade e festas populares, que passam a ser encaradas não apenas como instâncias de dominação senhorial, a partir do catolicismo, mas sim como espaços de re-criação cultural das populações cativas e seus descendentes. No entanto, apesar destas mudanças no campo da pesquisa acadêmica, ainda predomina, no senso comum e mesmo nos livros didáticos, a vertente interpretativa cunhada pela escola sociológica paulista. Esta distância existente entre o saber que se produz na universidade em várias áreas do conhecimento, e as concepções da sociedade, demonstra a importância do desenvolvimento de programas e projetos de extensão que possam minimizá-la.

Por outro lado, está presente na sociedade um saber popular que também constrói uma memória sobre a escravidão e com o qual o meio acadêmico, em geral, não dialoga. Quando muito, ele é tomado como objeto de estudo, mas não como interlocutor.

A proposta de nosso trabalho de extensão é a construção de um espaço de diálogo e trocas, envolvendo professores e alunos da UFSJ, especialmente, os de história, psicologia e letras, e dois grupos comunitários de São João del-Rei, o Grupo de Inculturação Afro-descendente Raízes da Terra, do bairro São Geraldo, e o Quilombo de São Benedito, do bairro de Matosinhos. Os dois grupos comunitários mencionados têm histórias distintas, embora estejam articulados em torno de algumas ações e projetos comuns.

O Grupo Raízes da Terra traz uma história de resistência contra condições de vida adversas e preconceitos. Tem a preocupação de transmitir para os jovens os valores e tradições da cultura negra. As músicas cantadas durante as reuniões e eventos são, em sua maioria, compostas por eles mesmos, principalmente por Dona Vicentina, a coordenadora. As letras falam da luta do povo negro por justiça social, da igualdade de todos os povos, das memórias dos quilombos e das senzalas. Izabel, uma das componentes, é responsável por um grupo de meninas do bairro, que estão aprendendo danças típicas e fazem apresentações durante festas religiosas e outros eventos. Além de serem cantadas no início e no final das reuniões, as músicas são utilizadas no decorrer das mesmas, principalmente em momentos de reflexões e de tomada de decisões, funcionando como canalizadores da expressão de emoções e sentimentos. O grupo promove reuniões quinzenais, no espaço do salão comunitário do bairro. Nelas, se discutem questões relativas a relações raciais, arte e culturas afro-brasileiras e se organizam as formas de participação e as distribuições de tarefas entre os vários membros, para organização dos eventos.

O “Quilombo de São Benedito” é um grupo relativamente incipiente que vêm sendo assistido e incentivado pelos membros do Raízes da Terra. Esse grupo, é assim denominado por Dona Vicentina, coordenadora do Raízes da Terra. Parte de seus integrantes é originária do distrito do Onça, em São João del-Rei, povoado que até há alguns anos contava com uma expressiva população negra.

Os dois núcleos de população negra, nos bairros de São Geraldo e de Matosinhos, se deparam com problemas comuns às crianças e aos jovens de bairros periféricos: horas ociosas, contato com grupos de tráfico, baixa escolaridade, violência. Embora não se trate de grupos originários de quilombos, as relações dos moradores dos bairros com a história da escravidão na antiga comarca do Rio das Mortes não deixam de ser relevantes. Afinal, mestiços na cor, na cultura, nas crenças, eles são também personagens dessa história, na maior parte das vezes silenciada.

Para nós, o trabalho de extensão é aquele que consegue tecer com sutileza as abordagens teóricas acerca do tema em estudo e, claramente, consegue transformá-las em ações que podem ser apreendidas e re-elaboradas por aqueles a quem se dirigem. Portanto, mais do que a consciência da história da população negra é importante que adultos, crianças e

jovens desses bairros consigam transformar esse conhecimento em referências para suas vidas.

É importante mencionar que no momento histórico atual, em que vivemos situações marcadas pela intolerância para com as diferenças de todas as ordens, realizar um trabalho que reafirme exatamente a importância cultural do outro possui, também, um caráter eminentemente político. Muito já se falou da miséria como produtora da violência. No entanto, hoje, começa a ganhar espaço um discurso que, sem negar totalmente este argumento, indica a importância da cultura como instância que - se é possível esta formulação - humaniza os seres humanos, no sentido de que lhes confere sensibilidade e significado.

Como bem disse, a flautista Odette Ernest Dias, em programa exibido na TV Câmara, no dia 25 de agosto de 2002, a música - e poderíamos ampliar, a arte - é uma instância universal de comunicação. A violência também o é. Utilizam dela aqueles que, no dizer do sociólogo Luiz Eduardo Soares, não têm outra forma de deixarem de ser invisíveis à sociedade⁹. Assim sendo, pode-se pensar que parte das soluções para os problemas ligados à violência social passa, necessariamente, pela questão cultural, que deverá ser enfrentada nas escolas e nas comunidades.

Metodologia

O trabalho vem sendo desenvolvido através da realização de oficinas - percussão, fotografia, contação de histórias e memória e história – realizadas com crianças, adolescentes e jovens dos dois Grupos, nas quais são trabalhados elementos comuns como, por exemplo, a valorização da cultura afro-brasileira, os processos de constituição de identidades e a auto-estima.

Oficina de Fotografia: O objetivo dessa oficina foi utilizar a imagem fotográfica enquanto ferramenta para a valorização da estética negra, resgate e produção da identidade individual e coletiva, e para a inclusão social, promovendo, através da arte, um espaço de manifestação do modo de ser das pessoas destas comunidades. Foram apresentadas aos alunos algumas das principais técnicas da fotografia. Através destas, a equipe procurou discutir questões relacionadas à visão de mundo e de si mesmo de cada integrante do grupo. Foram utilizados, além das aulas de fotografia, apresentação e discussão de livros relacionados ao tema, com imagens que pudessem provocar reflexões acerca de questões como o belo e o feio, auto-imagem, natureza da imagem como reproduutora e como criadora de realidades e de identidades, demonstrando o papel do fotógrafo como produtor e reproduutor de sua realidade e do espaço da própria comunidade. A fotografia também foi discutida como ferramenta para registro e promoção das atividades culturais de ambos os grupos.

Na primeira seção de fotos da oficina, os alunos registraram individualmente o tema “Eu e Meu Mundo”, apresentando ao grupo um pouco do seu dia-a-dia, discutindo questões acerca da técnica fotográfica e revelando intenções, gostos pessoais, bem como aspectos relacionados a sua auto-imagem. Já na segunda seção, foi promovido um passeio coletivo com o tema “São João, Nossa Patrimônio”. Desta forma, os integrantes da oficina puderam retratar a própria visão do patrimônio cultural de nossa cidade, dispondo de um saber técnico mais apurado em relação à primeira seção de fotos. Finalmente, no último encontro, os integrantes da oficina puderam avaliar as próprias fotografias do ponto de vista técnico bem como todo o decorrer da oficina, expondo suas opiniões, sugestões para trabalhos posteriores e as expectativas de mudanças trazidas por ela. Também foi feita a escolha das fotografias prediletas, que integraram a exposição realizada em maio de 2004.

Oficina de Percussão: A oficina teve a intenção de desenvolver e aprimorar uma forma de expressão muito especial nas duas comunidades: a música. Trabalhamos com o pressuposto de que a música nos conta muito da história e das culturas re-criadas no Brasil pelos diferentes povos africanos. Procuramos fazer uma “costura” entre o saber acadêmico e o

conhecimento contido nas músicas de algumas manifestações da cultura popular brasileira. O fio condutor deste trabalho foi a musicalização com instrumentos de percussão, já que esta é a base de quase todas as manifestações afro-brasileiras. Foram vistos, na oficina, os aspectos históricos do Congado, do Maracatu Nação de Pernambuco, do Jongo e da Folia de Reis. A musicalização foi realizada através de exercícios lúdicos que facilitaram o entendimento dos elementos musicais contidos nos ritmos trabalhados, principalmente, o Maracatu Nação e o Jongo. Oficina Memória e História: Essa oficina é oferecida a crianças e adolescentes das comunidades do “Quilombo de São Benedito”, do bairro Matosinhos, e do Grupo Raízes da Terra, do bairro São Geraldo, com o objetivo de criar possibilidades para que eles possam se perceber enquanto sujeitos de sua própria história.

Nesse sentido, foram discutidas questões relativas ao saber histórico. Abordou-se, em linguagem simples, o que são fontes históricas e como elas são utilizadas na produção do conhecimento histórico. Problematizou-se também quem são os sujeitos da história, mostrando a importância de todos nos reconhecermos como tais. Os alunos foram estimulados a buscar em suas casas e cotidianos, fontes que falassem sobre suas vidas e, a partir delas, procuraram construir suas próprias histórias. Oficina de Contação de Histórias: Essa oficina trabalhou com, aproximadamente, cinqüenta crianças com idades entre 6 e 11 anos. A proposta foi proporcionar, através da contação de histórias, um contato maior das crianças com a literatura e outras formas de arte, ampliar as possibilidades de manifestações, aguçar a percepção e valorizar as diversas formas de expressão. O intuito da oficina foi contribuir para formação de jovens leitores críticos - não só leitores de histórias, mas também leitores de mundo, que valorizem sua identidade cultural. Em busca do conhecimento e da valorização das identidades culturais, as histórias escolhidas para serem contadas falavam sobre as mitologias africanas, as histórias dos orixás e o folclore afro-brasileiro. Com a intenção de levar às crianças histórias que não estão nos livros didáticos nem nas prateleiras das bibliotecas, mas que constituem o imaginário de muitos afro-descendentes, a oficina trabalhou com histórias que fazem parte da formação das comunidades envolvidas e, consequentemente, da sociedade brasileira.

Outras Atividades: Além das oficinas, foram realizadas palestras, ministradas por professores do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte, sobre temas relativos às relações raciais e à cultura popular, nas duas comunidades, nos meses de janeiro e fevereiro de 2004. Foi organizada, ainda, uma viagem ao “Quilombo da Fazenda São José”, em Valença, Rio de Janeiro, no mês de outubro de 2003, com os grupos envolvidos e os alunos e professores ligados ao Projeto.

Trata-se de comunidade descendente de cativos que mantém viva, entre outras, a tradição do jongo – uma espécie de desafio, cantado e dançado pelos escravos, considerado como um dos pais do samba. A viagem foi realizada por ocasião de uma festa de jongueiros na Fazenda. Todas essas iniciativas visam fortalecer a troca de saberes sobre a cultura popular, bem como aumentar a consciência dos envolvidos sobre sua importância, inclusive, em termos políticos.

Resultados e discussão

Os resultados mais significativos se referem ao envolvimento e participação das comunidades nos trabalhos das oficinas e da exposição realizada no Museu Regional de São João del-Rei por ocasião do 13 de maio. Foram realizadas duas edições de cada uma das oficinas. O número de participantes cresceu em todas elas quando da segunda edição. A mobilização de pais e parentes das crianças e adolescentes participantes foi muito grande. Durante a realização de todas as oficinas havia um público circulante sempre muito entusiasmado com as atividades.

Quanto à Exposição, crianças, adolescentes e adultos entre os participantes das oficinas, seus parentes e amigos, participaram ativamente da exposição que contou com a apresentação de painéis com trabalhos produzidos em todas as oficinas, escolhidos em conjunto pelos participantes e pelos estagiários e bolsistas do Projeto.

Houve, ainda, uma apresentação musical com os participantes da oficina de percussão e elementos do Grupo Mucambo, que tem se especializado nos vários ritmos do Maracatu, e uma apresentação do Grupo de Dança das Meninas do Raízes da Terra. A praça onde se localiza o Museu Regional ficou literalmente tomada pela população interessada em acompanhar as atividades. Lideranças dos dois Grupos comunitários envolvidos participaram efetivamente das atividades da exposição e se manifestaram publicamente quanto à importância de sua realização. Fizeram menção ao contato prazeroso com a universidade, destacando o compromisso com a transformação das condições adversas enfrentadas pela população que estava sendo demonstrado pelos estudantes e professores envolvidos com o projeto.

Entendemos que o processo educacional não se restringe ao espaço da escola e que o trabalho com as comunidades pode se constituir em importante instrumento para a construção e reconstrução de valores na sociedade. Instrumento que, a partir da cultura, pretende estabelecer um espaço de crítica e revalorização das alteridades. Por outro lado, atribuir positividade a si mesmo e a seu grupo de pertencimento é questão fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo e para a conquista de espaços de cidadania.

Podemos destacar, ainda, um resultado do ponto de vista da universidade. A oportunidade de realização de um trabalho interdisciplinar congregando alunos dos cursos de História, Psicologia e Letras marcou definitivamente nossos trabalhos de extensão. Os resultados contabilizados pela UFSJ dizem respeito a um real sentido da integração efetiva entre os três vértices do triângulo sobre o qual deve se apoiar a universidade, o ensino, a pesquisa e a extensão. Historicamente a extensão sempre foi considerada a perna manca deste tripé, com uma valorização excessiva da pesquisa e com a obrigatoriedade do ensino. Nossa experiência demonstrou a possibilidade de uma valorização idêntica de cada uma das funções básicas da universidade. Acreditamos que as possibilidades de articulações temáticas para futuros trabalhos interdisciplinares, apesar de estar apenas começando, já demonstram sua vitalidade e possibilidades futuras de agregação de novas áreas do conhecimento.

Conclusões

Vivemos, hoje, um momento particularmente favorável ao tipo de trabalho que estamos realizando, uma vez que se multiplicam as discussões sobre a necessidade do desenvolvimento de políticas de inclusão social para as populações negras, no Brasil. Muitas vezes confundidas simplesmente com uma controversa política de cotas, as chamadas políticas afirmativas reivindicam uma reflexão sobre os negros e sua participação na sociedade brasileira. Discutir políticas que possam contribuir para resolver o problema do racismo na sociedade brasileira parece mais complicado do que discutir a necessidade da melhoria do padrão de vida dos negros. Este ponto relaciona-se, em última instância, com uma inserção de ordem econômica. O primeiro com uma questão de valores. Por que, em nossa sociedade, predominam valores que distinguem e hierarquizam as pessoas pela questão racial ou de cor da pele? A resposta a esta questão passa, sem sombra de dúvida, pelas discussões sobre as formas de constituição das relações raciais, no Brasil.

A afirmação de que somos um país mestiço já foi valorada das mais diferentes maneiras: das idéias de branqueamento da virada do século XIX para o XX, passando pela positividade que lhe foi conferida por Gilberto Freyre, na década de 1930, até posições que, hoje, lhe atribuem uma carga de negação da identidade negra.

Parece-nos, porém, que a afirmação da mestiçagem da sociedade e da cultura brasileiras longe está de negar a presença de múltiplas identidades. Dizer que somos mestiços não significa negar que somos negros. Mas sim afirmar que nossas diferenças identitárias se constituem sobre um substrato comum, qual seja o da mestiçagem. Talvez este seja um caminho que, rompendo com a dicotomia entre brancos e negros, possa levar a um repensar dos valores racistas.

Neste sentido, falar de escravidão e cultura afro-brasileira pode contribuir para a percepção de que, independentemente da cor da pele, todos somos descendentes - biológica e culturalmente falando - dos africanos, de diversos grupos de procedência, que para cá foram trazidos, bem como dos europeus de diferentes nacionalidades e dos vários grupos indígenas aqui radicados. Afirmar que a mestiçagem está na base de nossa constituição enquanto "povo" e cultura não significa negar o conflito presente nas relações sociais.

Talvez em função dos argumentos de Gilberto Freyre, mestiçagem e "democracia racial" são muitas vezes tomados como pares necessários, quase sinônimos. Tal interpretação parece-nos um equívoco. A mestiçagem pode se dar inclusive pela via do conflito. Entendemos ser de fundamental importância, inclusive para a desconstrução de valores racistas em nossa sociedade, uma política educacional que leve em consideração tais aspectos.

Nosso trabalho é relevante por favorecer a discussão das questões raciais, não só no meio acadêmico, mas também junto aos grupos afro-descendentes de São João del-Rei. Entendemos, ainda, que o processo educacional não se restringe ao espaço da escola e que o trabalho com as comunidades pode se constituir em importante instrumento para a construção e reconstrução de valores na sociedade. Instrumento que, a partir da cultura, pretende estabelecer um espaço de crítica e revalorização das alteridades. Por outro lado, atribuir positividade a si mesmo e a seu grupo de pertencimento é questão fundamental para o pleno desenvolvimento do indivíduo e para a conquista de espaços de cidadania.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Marcos Ferreira de. Rebeldia e resistência: as revoltas escravas na província de Minas Gerais (1831-1840). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- CARDOSO, Maria Tereza Pereira. Lei branca e justiça negra: crimes de escravos nas Vilas Del-Rei (1814-1852). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. 26a. edição. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GORENDER, Jacob. A escravidão Reabilitada. São Paulo: Ática, 1991.
- IANNI, Octávio. Escravidão e Racismo. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- MATTOS, Hebe Maria. “O ensino de história e a luta contra a discriminação racial no Brasil” IN: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). Ensino de História: Conceitos, Temáticas e Metodologia. RJ: Casa da Palavra, 2003.
- REIS, João José e SILVA, Eduardo. Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- SLENES, Robert W. “‘Malungu, Ngoma vem!’ África encoberta e descoberta no Brasil” in: Cadernos do Museu da Escravatura. Luanda: Ministério da Cultura, 1995.
- SLENES, Robert W. Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil, Sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- VOGEL, Arno, MELLO, Marco Antonio da Silva, BARROS, José Flávio Pessoa de. A Galinha d’Angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas/FLACSO, Niterói: EDUFF, 1993.